

# Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos: imperialismo cultural e classe social

---

Neste fascinante estudo dos imigrantes brasileiros na grande Los Angeles, o objetivo de Bernadete Beserra é lançar luz sobre as maneiras através das quais o capitalismo funciona para atrair brasileiros aos Estados Unidos e sobre os modos como eles se integram em Los Angeles. Ela atinge admiravelmente os dois objetivos.

Sua metodologia consistiu de observação-participante, documentação de atividades individuais e de grupos, coleta de dados socioeconômicos e também do questionamento da sua própria posição e interesses. Pelo fato de ela e sua família terem sido imigrantes temporários nos Estados Unidos, Bernadete passou por uma aculturação similar ao das pessoas que estava

estudando, a qual envolveu o aprendizado da língua e habilidades comunicativas e também o constrangimento de lidar com estereótipos resultantes da ignorância geral acerca do Brasil.

A estrutura analítica do estudo depende da definição de capitalismo como globalização que se espalha desigualmente pelo mundo e atrai as pessoas ao seu núcleo. Os Estados Unidos seriam a mais completa expressão contemporânea desse capitalismo. A sua promessa de mobilidade social e de consumo simbolizados no *American way of life* exerce extraordinária força magnética sobre todos os habitantes do Planeta sob a sua influência. Os que imigram se tornam arautos de sua virtude atraindo mais imi-

---

**Rosemary E. Galli** - Rede Oxford de Mulheres para a Paz e a Justiça, consultora do governo de Moçambique e de agências internacionais de desenvolvimento.

gração e, intencionalmente ou não, muitos tornam-se também “agentes” do seu projeto político-econômico. Em qualquer posição, porém, todos terão de enfrentar racismo e discriminação, graças à posição do Brasil no sistema capitalista mundial. Ela argumenta, contudo, que o modo como o imigrante brasileiro se integra a Los Angeles depende de sua posição de classe na sociedade brasileira e das estratégias de que se utiliza no processo de integração. Ela também trabalha com o conceito das várias formas de “capital”, de Bourdieu, com o propósito de explicar a diferenciação integrativa.

Além de indivíduos, a autora estudou dois grupos de imigrantes, a Igreja Adventista Lusófona, na cidade de Chino, região metropolitana de Los Angeles, e o Grupo das Brasileiras, em Los Angeles. Ela escolheu o primeiro grupo porque ele “não se enquadrava nos estereótipos mais comuns de brasileiros” e o segundo porque a ajudou a pensar nas especificidades da imigração feminina. Quem, então, eram os brasileiros que a autora conheceu durante seus mais de dois anos de trabalho de campo? Das cento e noventa e cinco pessoas entrevis-

tadas, a maioria era de mulheres casadas, de classe média, entre trinta e quarenta e cinco anos de idade, de estados do sul e sudeste do Brasil e que haviam imigrado entre 1981 e 1999. A maioria frequentara universidade, mas menos de cinquenta por cento possuía empregos compatíveis com o grau de escolaridade.

O primeiro capítulo descreve os caminhos através dos quais os brasileiros chegam a Los Angeles. Ela identifica quatro: 1) conexões com a indústria de filmes, artes e mídia; 2) casamento com cidadãos americanos; 3) educação; e 4) filiação religiosa. A indústria hollywoodiana, por exemplo, tanto idealizou o *American way of life* como a imagem da mulher brasileira. A autora explica que o número desproporcional de casamentos entre brasileiras e americanos em sua amostra é resultado da atração de tais homens por essa imagem idealizada da mulher brasileira, bastante diferente do estereótipo da mulher americana. Do mesmo modo, há certa pressão sobre as mulheres brasileiras para casar com os estadunidenses, pois fazê-lo “é visto como um triunfo” e permite a mobilidade mais rapidamente.

No caso da educação, o domínio estadunidense nos campos científicos age como um chamariz para estudantes que querem adquirir habilidades valorizadas internacionalmente. Não tendo um mercado suficientemente dinâmico para absorver todos os técnicos cuja formação financia, o Brasil subsidia a formação desses técnicos para o próprio mercado norte-americano. Apesar disso, a autora percebe que, ao mesmo tempo em que o crescimento da matrícula de estudantes brasileiros em universidades americanas confirma a hegemonia dos Estados Unidos, as universidades podem também ser terreno fértil para uma oposição radical à hegemonia estadunidense.

A globalização tem também acelerado a difusão de religiões, particularmente das religiões missionárias americanas. No caso específico do Adventismo do Sétimo Dia, Beserra argumenta que a sua difusão no Brasil serviu para estabelecer as redes através das quais muitos brasileiros migram para os EUA. Mais do que uma religião missionária, ela explica, o adventismo é uma instituição abrangente que envolve os seus seguidores não apenas para o culto ao Senhor mas

também para a produção da vida cotidiana, uma vez que, além da igreja, o adventismo inclui instrução educacional (incluindo nível universitário), produção e processamento de comida, publicações, hospitais e abrigos para idosos. Desse modo, argumenta ela, é já uma introdução a um modo americano de vida.

O segundo capítulo discute o que há de comum na experiência de *todos* os imigrantes brasileiros em Los Angeles: a classificação como latinos, uma categoria que lhes é imposta por suas origens latino-americanas, independentemente de suas posições sociais no Brasil ou nos Estados Unidos. Os brasileiros encaram essa identificação como um estigma, o que tem relação direta com sua noção do Brasil como superior a outros países latino-americanos. Para a autora, a rejeição ao rótulo também espelha o racismo imperialista norte-americano inerente na definição da categoria "latino". Com o objetivo de se distinguir dos outros latinos, os brasileiros buscam criar um espaço especial para si próprios, mas, em alguns casos, como na luta por direitos e representação, eles são forçados a fazer parte da

comunidade latina, pois são poucos e estão muito distantes uns dos outros para formar uma comunidade representativa.

O foco principal dos dois capítulos seguintes é como as comunidades (ou redes) que ela escolheu para estudar facilitaram a integração de seus membros e a diferença que a posição de classe produz no processo. O terceiro capítulo destaca a experiência dos adventistas de Chino. A maioria dos membros é de imigrantes brasileiros de primeira geração. Eles foram os fundadores da igreja; seus filhos, em geral, frequentam igrejas adventistas americanas, sejam estas de brancos, negros ou latinos. Quarenta e dois por cento da primeira geração têm diploma universitário e há mais mulheres do que homens.

Além da religião, que produz um tipo específico de brasilidade, a sua atração ao grupo está relacionada à origem de classe de seus membros e à reprodução da cultura brasileira, especialmente visível nas atividades sociais da igreja. Para todos os membros, a igreja funciona como um centro de informações sobre a grande Los Angeles e intermediária entre o Brasil e os EUA durante a integração. “É um espa-

ço para aprender sobre a sociedade americana como seus membros a interpretam” (p. 109). Para alguns, ela abre oportunidades econômicas e educacionais. Para outros, age como um lugar para mitigar as frustrações advindas da falta de oportunidades e para recanalizar as energias pessoais. Para todos, provê um centro para o tão necessário entretenimento. Observa que, paradoxalmente, enquanto certos valores estadunidenses são considerados interessantes e adequados, especialmente aqueles relativos à mobilidade social e ao consumo, outros, como o comportamento juvenil em relação ao sexo e aos relacionamentos, não são. Frequentemente, conflitos sobre valores e comportamentos se davam entre membros da primeira e da segunda ou terceira geração.

O quarto capítulo trata do Grupo das Brasileiras. Originalmente uma reunião social entre mulheres de classes média e média-alta, o grupo permaneceu um ambiente onde mulheres que se enquadram no perfil do grupo original “sentem-se em casa”. Sessenta por cento das participantes são casadas com americanos; o que explica parcialmente a necessidade geral de ex-

pressar a brasilidade em uma situação grupal. Mais de cinquenta por cento possuem diplomas universitários. Assim como o grupo adventista, o Grupo das Brasileiras é um espaço social brasileiro, embora nem todas as participantes sintam-se à vontade porque se acham inferiorizadas por seu *status* social.

Em 1997, a transformação do grupo em uma organização sem fins lucrativos, dedicada à promoção da cultura brasileira em Los Angeles, abriu amplo debate, não apenas acerca dos objetivos mas também sobre se os fundos levantados deveriam beneficiar instituições brasileiras ou americanas. A discordância entre os membros da diretoria e entre algumas delas e outros participantes dizia respeito à “profissionalização” do grupo que, de acordo, com algumas, passaria necessariamente pelo relacionamento com instituições semelhantes americanas e a conquista de uma credibilidade mais ampla. Esses problemas, assim como a própria limitação de tempo, em razão das condições de trabalho de alguns membros, manifestavam-se em participação esporádica, não-pagamento de taxas e falta de cooperação em atividades. Uma das

diretoras sentia que a falta de cooperação decorria da característica brasileira, em sua opinião, de competitividade excessiva. Dissidentes sentiam que os diretores exibiam outro traço brasileiro: a tendência dos grupos de elite de fazerem autopromoção às custas das classes subordinadas.

A assimilação à sociedade americana branca era o objetivo, particularmente daquelas casadas com americanos. Dentro do grupo, casamento com americanos e tempo de residência conferiam *status*. Outros atributos (ou “capitais”, no sentido de Bourdieu) que conferiam valor eram: propriedades e investimentos; educação superior; e talentos especiais. Como na igreja de Chino, o Grupo das Brasileiras atuava como um centro de informação a respeito das várias formas de se viver em Los Angeles, e fornecia uma rede social, conferindo um apoio bastante necessário às mulheres que dele se aproximavam.

O quinto capítulo revê a temática do segundo, isto é, como os brasileiros em Los Angeles afirmam sua identidade, especialmente em relação aos estereótipos que os estadunidenses têm deles, o que Mi-

chael Kearney, no prefácio do livro, chama de “a ‘autoconstrução’ da identidade no novo ambiente.” Nesse capítulo, a autora analisa como eles fazem isto em exibições públicas, como o Carnaval do Hollywood Palladium, ao contrário do modo privado, como nos dois grupos previamente examinados. Ela observa que alguns brasileiros utilizam os estereótipos em seu favor e outros não se submetem e dão um jeito de fugir deles ou de questioná-los com as suas práticas.

O último capítulo considera as transformações por que passam todos os imigrantes enquanto estão nos Estados Unidos. “...imigrantes são entes novos independentemente do fato de manterem-se ou não leais às tradições de seus países ou nascimentos.” (p. 185). Apesar da desilusão com muitos aspectos do *American way of life*, muitos permanecem. Alguns ficam porque seus filhos estão integrados e eles querem permanecer próximos deles. Outros ficam porque se acostumaram à vida nos EUA ou adquiriram estabilidade econômica. Todos são nostálgicos de um Brasil mítico que é lindo e cujas pessoas são calorosas e esperançosas. As poucas exceções encontradas pela

autora foram os brasileiros transnacionais, que possuem os meios para viver tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e aqueles que jamais voltarão por estarem bem integrados. Para este último grupo, o Brasil é pobre, decadente e violento. Este capítulo é, portanto, menos sobre transformação, i.e., novas identidades, do que sobre as imagens que os brasileiros têm do Brasil. Ele fala diretamente à noção de Edward Said, de identidade nacional como “geografias imaginárias”.

Resumindo: o estudo de Bernadete Beserra argumenta que a primeira geração de imigrantes brasileiros na área de Los Angeles elabora suas identidades em relação a como são elas percebidas em seu novo ambiente, especialmente no que concerne aos estereótipos prevaletentes e também no que toca à noção de cultura nacional que a maioria deles deseja preservar e reproduzir, daí as redes sociais que desenvolvem. O estudo segue o modelo sociológico de entender as pessoas em seus contextos, explorar as auto-representações em diferentes situações, ver o eu em relação ao “sistema” e manter o dualismo de “dentro” e “fora”, privado

e público. É possível, contudo, olhar para esse processo de “autoconstrução” de uma perspectiva diferente, a que Hall (1991, 1992) chama de “dialética das identidades”? Dessa perspectiva, “autoconstrução” é vista como resposta a uma globalização que não é tão caracterizada pelo imperialismo americano quanto pelo declínio da hegemonia estadunidense (ARRIGHI; SILVER, 1999). A forma mais nova da globalização está associada com a transnacionalização do capital, bens, pessoas e mesmo identidades. É uma força centrífuga de tal forma que o consumismo que atrai brasileiros aos EUA é um consumismo global que poderia acontecer em qualquer lugar. A atração é a um mercado de trabalho que, em princípio, torna o consumismo global possível. Apesar de alguns brasileiros se identificarem com o sonho americano ou com o *American way of life*, o consumismo não é exclusivamente americano. Em vários pontos de sua narrativa, a autora assinala que os brasileiros se americanizaram (globalizaram?) já no Brasil e mesmo aqui alguns têm padrões iguais ou melhores do que seus parentes imigrantes.

Hall (1992) sustenta que a migração desafia os contornos estabelecidos da identidade nacional e que a globalização iniciou um alargamento do campo das identidades. Novas posições identitárias proliferaram e algumas se polarizaram. No trabalho em discussão, temos exemplos de algumas dessas novas posições: os transnacionais (sobre os quais, infelizmente, ela pouco diz), que são verdadeiramente descentralizados, e os tradicionalistas na forma dos adventistas que se apegam a suas identidades em oposição a certos valores, modas e comportamentos propagados pela cultura de massa global. As diretoras do Grupo das Brasileiras e, de maneira geral, as esposas de americanos poderiam ser vistas como o que Hall (1992) chama de “pessoas traduzidas” que habitam dois mundos, têm pelo menos duas identidades e duas línguas. Exemplos ainda melhores dessa nova posição, contudo, seriam os filhos dos imigrantes. É intrigante o fato de não haver a autora explorado, minimamente que fosse, este grupo. No contexto dos adventistas de Chino, isto teria sido possível graças à proximidade da relação que ela desenvolveu com os membros

da igreja. Tem-se a impressão de que ela considera a segunda geração como integrada, americanizada, mas, como sugere Hall (1992), talvez o fossem de uma maneira descentralizada, híbrida. Além disso, sobre as novas identidades, o texto teria ficado mais rico se a autora houvesse examinado com alguma profundidade aqueles brasileiros que aceitaram a identificação com o estereótipo latino, particularmente os que o viram como forma de expressar oposição às suas posições marginais. Não acho, porém, que as pessoas possam ou devam ser fixadas em identidades superficiais e rígidas, novas ou não, porque elas são compostas de múltiplas identidades. Nesse sentido, o argumento da autora é genial. Eu, no entanto, defendo o argumento de que as identidades que as pessoas expressam não são necessariamente estruturadas pelo imperialismo estadunidense, mas constituem uma reação criativa à cultura globalizada homogênea, padronizada e a-territorial – uma política de posição e posicionamento.

A autora reserva juízo próprio sobre as questões de imigração, classe, discriminação, racismo e exploração para breve remate, no

qual explicita sua posição como intelectual engajada e suas idéias para um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS

ARRIGHI, G.; SILVER, J. **Chaos and governance in the modern world system**. Minneapolis: University of Minnesota, 1999.

HALL, S. Old and new identities, old and new ethnicities. *In*: KING, A. (Ed.). **Culture, globalization and the world-system**. Binghamton, NY: Macmillan and Suny, 1991.

\_\_\_\_\_. The local and the global: globalization and identity. *In*: KING, A. (Ed.). **Culture, globalization and the world-system**. Binghamton, NY: Macmillan and Suny, 1991.

\_\_\_\_\_. The question of cultural identity. *In*: HALL, D. H.; MCGREW, T. (Eds.). **Modernity and its futures**. Cambridge, UK: Polity, 1992.

## NOTA

BEZERRA, B. **Brazilian immigrants in the United States**: cultural imperialism and social class. Trad. Clayton Mendonça Cunha Filho. New York: LFB Scholarly, 2003.